

Mapas, Panoramas e Cenários: versões sobre a formação de professores de matemática

Fábio Donizeti de Oliveira³²⁷

RESUMO

Este texto tem a intenção de tecer comentários acerca dos seguintes trabalhos apresentados em uma das sessões coordenadas do II ENAPHEM: “Formação de Professores de Matemática na Região Norte de Minas Gerais (1960-1990): um olhar sobre Montes Claros”, de autoria de ALMEIDA, S. P. N. C. & GOMES, M. L. M. (aqui indicado por T1); “Panorama Histórico sobre a Educação Matemática e a Formação de Professores que Ensinam Matemática em Mato Grosso”, de autoria de DALCIN, A., CUNHA, R. & SANTOS, V. M. P. (aqui indicado por T2); “Histórias da Formação de Professores de Matemática: um possível cenário de pesquisa na região de São João del-Rei, MG”, de autoria de PAIVA, P. H. A. A. & GOMES, M. L. M. (aqui indicado por T3). Esta ordenação segue a ordem de apresentação proposta no evento, na sessão coordenada.

Os textos reunidos para esta sessão coordenada apresentam diferentes estágios de desenvolvimento: T3 compreende um projeto de pesquisa, ainda em estágio inicial de desenvolvimento, T1 é um relato sobre trabalho de doutorado em estágio avançado e com conclusões preliminares e, por sua vez, T2 apresenta-nos uma revisão bibliográfica aparentemente fechada, mas que faz parte de um projeto de pesquisa de maior envergadura pouco tratado no texto.

Os três trabalhos têm por objetivo constituir histórias da formação de professores de matemática (ou que ensinam matemática) em regiões brasileiras. T1 e T3 estudam, cada qual, regiões específicas do estado de Minas Gerais e T2 abre seu espectro para abarcar todo o estado do Mato Grosso e, além da formação de professores, também o “desenvolvimento histórico do ensino de matemática”.

A narrativa apresentada em T2, baseia-se, como dissemos, em revisão bibliográfica e, embora não anuncie isto claramente, parece-nos pretender estabelecer relações contextuais que servirão como alicerce para análises de narrativas que,

³²⁷ Doutor em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru e membro do GHOM – Grupo de História Oral e Educação Matemática. fabio_d_oliveira@ig.com.br.

aparentemente, se seguirão dentro do projeto de Pesquisa “*História da Educação Matemática em Mato Grosso ao longo do século XX: narrativas e vidas de professores*”. Esta narrativa, que possui alguns pequenos problemas gramaticais, procura especificar os principais acontecimentos ocorridos no estado do ponto de vista da “História da Educação” e da “História do estado do Mato Grosso”, conforme anunciado já no resumo. Estão excluídos de sua narrativa, entretanto, alguns aspectos mais gerais sobre a história do estado, possivelmente pela limitação imposta para a apresentação do artigo no II ENAPHEM, mas, por nos ter feito sentir sua falta, não podemos deixar de sublinhar. Notadamente, aspectos sobre as divisões que ocorreram no território do estado durante praticamente todo o século XX poderiam, de forma mais clara, delimitar “qual” estado do Mato Grosso está sendo estudado. Além disso, tais divisões, que se justificaram pelas dificuldades em desenvolver uma região com tamanha extensão e diversidade, certamente impactaram as políticas educacionais para a formação de professores do estado. Embora o projeto a que se vincula este texto tenha como foco o século XX, o texto traz um bom arrazoadado de informações sobre a educação no estado desde o século XVIII, abarcando todos os níveis de ensino e enfatizando a formação de professores. Tal contextualização, que se baseia em pesquisa bibliográfica e documental, utilizando textos de autores que já estudaram a educação local, cópia do regimento do Lyceu Cuiabano, resoluções do conselho da UFMT e do ConsEPE, além do site da UNEMAT, parece-nos fecunda para a sustentação do projeto de pesquisa. Particularmente o regimento do Lyceu permite aos autores, e a seus leitores, compreender importantes aspectos da organização do ensino no estado bem como de orientações pedagógicas daquele período, dos quais ressalto a seguinte citação trazida no texto à página 6:

- 14- Ser o primeiro a entrar para a aula e o último della a sahir afim de fiscalisar o procedimento de seus alumnos.
- 18- Interrogar os alumnos na primeira parte da aula, sobre a licção precedente dando aos arguidos a nota que merecerem.
- 19- Recapitular, na ultima aula do mez, as theorias mais importantes explicadas durante esse tempo e dal-as para licções da primeira aula do mez seguinte (LYCEU, 192?, p. 60).

Em busca de outras informações sobre o projeto de pesquisa verificamos que, embora regularmente registrado no Diretório de Grupos do CNPq, não encontramos informações sobre a existência de um site para o grupo de pesquisa Griphus, ao qual os

autores se vinculam. Esta ferramenta, hoje tão facilmente construída, poderia valorizar e divulgar as ações e pesquisas do grupo. Não localizamos, também, qualquer explicação para o nome do grupo no texto, que se limita a dizer que os autores são seus integrantes, ou em pesquisa, ainda que rápida, realizada na internet. Fazemos essa ressalva por acreditarmos fortemente na valorização dos grupos de pesquisa como possibilidade para a realização de pesquisas de largo espectro como a apresentada em T2. O texto apresentado, embora não assuma este compromisso, deixa-nos a curiosidade sobre os desdobramentos da pesquisa, particularmente sobre as formas como as narrativas serão produzidas e analisadas. Tais curiosidades provavelmente poderão estar contempladas na apresentação do trabalho durante o II ENAPHEM, mas nos consomem ainda enquanto leitores do artigo. Não podemos deixar, aqui, de apontar a História Oral como possibilidade metodológica para a produção de narrativas bem como, tendo este levantamento contextual já realizado, a Hermenêutica de Profundidade como referencial bastante adequado para suas análises.

T3 e T1, até por terem em comum uma coautora, possuem entre si afinidades ainda maiores. São exemplos de projeto de pesquisa que assume a História Oral como metodologia de pesquisa, respectivamente, em estágios inicial e avançado de elaboração. Ambos, como já dissemos, lançam olhar para regiões mineiras. T3 pretende produzir versões históricas sobre a formação de professores na região capitaneada por São João del-Rei e escolhe como recorte o período de 1987 até 2001. A escolha por este período, assim como a da região, em princípio está muito bem fundamentada no texto. Contudo, ao definir o objetivo do trabalho fica melhor explicitada a opção pelo término do estudo em 2001, “ano anterior à criação do curso de Licenciatura Plena em Matemática da UFSJ” (p.2), do que a marca que define o seu início – ou seja, o “início das atividades da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (Funrei)” (p.1) – que, pensamos, poderia também estar explicitado no objetivo. É claro que esta, como outras que serão pontuadas na sequência deste texto, é apenas uma questão de construção textual, bastante compreensível para um trabalho de mestrado ainda em andamento.

Ainda no sentido da construção textual, alguns deslizos, possivelmente causados pela ainda pouca familiaridade com a metodologia adotada, particularmente quanto aos

seus pressupostos teóricos, podem ser observados no uso de termos como “verificar”. Isto pode ser verificado na explicação dos objetivos do trabalho:

Com isso, queremos verificar o percurso da formação de professores de Matemática na região e até em que parte esse processo é concomitante ao desenvolvimento da formação em nível nacional, levando em conta aspectos acadêmicos, políticos e sociais da época. (T3, p.2)

Tais usos podem dar a entender que se acredita que “passado” e “História” estão postos e podem ser consultados com o rigor e a frieza de quem “verifica”, concepção que, segundo entendemos, não se compatibilizam com os fundamentos da História Oral. E o texto segue:

Pelo fato de não haver trabalhos até o momento identificados por nós, acreditamos que procurar evidências nos relatos e nas experiências de pessoas que viveram tal época poderá contribuir em muito para que possamos contar nossa versão da história e, assim, responder à questão principal do estudo que propomos. (T3, p.2)

Ao lermos a frase acima transcrita, seguinte a uma argumentação, bastante válida, sobre a relevância da proposta em vista da ausência de estudos semelhantes sobre a região focada, nos perguntamos se a existência de trabalhos semelhantes tornaria a procura por evidências nos relatos e nas experiências das pessoas menos atraente. Acreditamos que não, já que os relatos e, particularmente, as experiências, são únicos, de acordo com os pressupostos da História Oral e, por isso, sempre revelarão aspectos únicos percebidos e vivenciados por pessoas singulares.

Na descrição da metodologia, ainda em T3, há certa confusão na relação das fontes orais com as fontes escritas. Ora diz-se “procuraremos não valorar um tipo de fonte mais que outro” (T3, p.8) e ora vem à tona “optaremos, como fonte principal de pesquisa, pelos depoimentos dos sujeitos que fizeram parte, na condição docente ou discente, dos cursos Normais e de Ciências, nas referidas instituições de ensino durante o período estabelecido.” (T3, p.8). Diz-se, ainda, que “Baseando-nos em Gomes (2012), podemos afirmar que ‘nenhum tipo de documento retrata o que *verdadeiramente* se passou’ (p. 128, grifos do original) e, tampouco, os depoimentos orais são donos de tal veracidade sobre os fatos.” (T3, p.8). Certamente, porém, Gomes (2012) já incluía os depoimentos orais quando menciona os tipos de documentos e a verdade evocada é a

absoluta, mas certamente, existirá, sempre, a verdade relativa de cada documento que a História Oral, ainda que possa eventualmente contrapor, pretende respeitar.

A sessão denominada “Contextualização” nos permite compreender melhor o estudo proposto. Nela, T3 nos apresenta três colégios que se incumbiam, segundo ele, da formação de professores primários na região, quais sejam, o Colégio Nossa Senhora das Dores, a Escola Técnica de Comércio Tiradentes e o Instituto Auxiliadora. Apresenta, também, a Faculdade Dom Bosco que viria, através da fusão com outras instituições de ensino, dar origem à Funrei - Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei que, mais tarde, passaria a se chamar UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei. Passamos, então, a perceber que a delimitação do período para o estudo (de 1987 a 2001), na verdade é um recorte que compreende parte da história da UFSJ quando atendida pelo nome de Funrei. Tal delimitação não apresenta qualquer problema, embora entendamos que talvez fosse melhor explicitada desta maneira. Contudo, considerando que, conforme os autores nos relatam, havia um curso de formação de professores em Ciência com habilitação em Matemática desde 1966, período em que a instituição se chamava Faculdade Dom Bosco, inclusive com a indicação de interlocutores que vivenciaram este curso, a delimitação fica fragilizada, já que acreditamos ser viável que o estudo, que pretende formar um cenário da formação de professores na região, deveria abarcar também este curso. Neste contexto, duas opções de estudo parecem se apresentar: o das instituições de ensino que formavam professores primários ou o das instituições de ensino que formavam professores de matemática para o colégio, nele abarcando a UFSJ desde a criação do curso de ciências na Faculdade Dom Bosco. Ambos os estudos, com o aprofundamento que se deseja, pode ser tarefa demasiadamente grande para uma pesquisa de mestrado. A complementação do cenário da formação na região, que, segundo entendemos, inclui a articulação destes vieses de estudo, poderia compor, em continuação, um outro projeto, futuro.

T1, o primeiro trabalho sugerido para apresentação na sessão coordenada, talvez ironicamente, mas sem qualquer motivo intencional, é o último a ser focado neste nosso comentário. Trata-se de uma narrativa muito bem construída e articulada que, após contextualizar a pesquisa de doutorado que retrata, realiza uma discussão metodológica,

dividida em duas frentes, para, ao final, apresentar um esboço de análise das entrevistas realizadas, principal novidade do texto em relação à comunicação apresentada no I ENAPHEM.

Na parte contextual, apresenta muito bem as condições da pesquisa, a região e tempos escolhidos, para estudar a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Montes Claros como forma de compreender a formação de professores de matemática na região norte de Minas Gerais entre as décadas de 1960 e 1990. O texto nos fez pensar sobre a representatividade do curso de ensino superior da região para a produção de uma história da formação de professores daquele local.

A discussão metodológica de T1 é, segundo entendemos, realizada em duas sessões. Inicialmente, é apresentada uma bela contextualização teórica da pesquisa, reconhecendo seu papel e vinculação a movimentos que, de certa forma, “permitem” sua produção tal como posta. Assim, procura se localizar na esteira historiográfica que, como argumenta, certamente influenciou (e influencia) a pesquisa em História da Educação, considerada como modo geral, e em História da Educação Matemática, que é diferenciada pelo seu objeto. Faz isso, contudo, aparentemente sem caracterizar a História da Educação e/ou a História da Educação Matemática como subáreas da História, mas, reconhecendo suas inter-relações e influências, considera a independência dos campos. Se as relações entre História e História da Educação parecem claras no texto, o mesmo talvez não aconteça entre a História da Educação e a História da Educação Matemática, que ora se apresentam como “campos” distintos, ora aparentam compor subcampos.

No entanto, se nosso estudo se insere com propriedade, segundo acreditamos, no campo da História da Educação, o envolvimento do objeto específico da formação de professores de Matemática nos leva a considerar também sua pertinência ao campo da História da Educação Matemática, tomando como referência as características do surgimento e desenvolvimento ainda recentes do mesmo em nosso país. (T1, p. 5)

A definição de campo de pesquisa também nos pareceu um pouco confusa em T1, ora evocado como área ou disciplina de pesquisa, ora como linha ou vertente. Vale ressaltar que, nesta incursão, a Educação Matemática, como área de pesquisa, não está articulada no texto.

A segunda parte da discussão metodológica em T1, chamada de “Percursos Metodológicos”, é bastante curta e apresenta, basicamente, os materiais que serão utilizados como fontes para a pesquisa e a História Oral como metodologia. Nesta parte, o texto pode dar a entender que a História Oral cuida, exclusivamente, da constituição e/ou uso de depoimentos.

No entanto, uma fonte central em nossa investigação é constituída pelos depoimentos de sujeitos vinculados ao curso de Matemática da UNIMONTES no período alvo da pesquisa. Para tanto, prestigiamos, em nosso trabalho, a metodologia da História Oral. (T1, p.7)

Segundo entendemos, a análise de documentos outros, além daqueles constituídos a partir de relatos orais, como forma de constituir novas versões sobre histórias (de vidas, de instituições, de regiões, de movimentos etc.) está, em si, integrada à metodologia de pesquisa História Oral. Como já mencionamos ao comentar T3, é salutar a articulação do escrito e do oral para a História Oral, conforme entendemos. Da forma como apresentado em T1, dá-se a entender, de maneira distinta, que as autoras consideram duas instâncias metodológicas, uma da análise documental e outra da análise de relatos.

Como “resultados parciais”, são apresentadas compreensões estabelecidas pelo “cotejamento” das 17 entrevistas realizadas. Nesta sessão de T1, dados da análise documental não são mencionados. Ao ler o relato, fica realmente bastante evidente o signo de carência e da urgência que, conforme Garnica (2010), perpassa a História da formação de professores de Matemática no Brasil. Chamaram nossa atenção os desafios enfrentados para a instituição dos primeiros cursos superiores no Brasil, mas também a criatividade e a flexibilidade lançadas para sua implementação. Também se evidenciam a forma como etapas são cumpridas e novas exigências vão delineando o perfil da formação profissional, no caso, de professores de matemática.

Os três textos reunidos nesta sessão coordenada, no nosso entender, exemplificam um movimento, bem contextualizado em T1.

Na visão de Vidal e Faria Filho (2003, p. 59), emergiram muitos “grupos de pesquisa que se impuseram o desafio de investigações de escopo alargado, de longo prazo e com grande preocupação com o mapeamento, organização e disponibilização de acervos documentais”. (T1, p.4)

A constituição de versões históricas, representadas por metáforas como a composição de mapas, cenários, panoramas ou outras expressões semelhantes é resultado de um paradigma historiográfico sustentado por novas possibilidades tecnológicas, que permite um jogo entre estreitamentos e alargamentos de focos, tempos, objetos e escalas. Ainda, a pluralidade e confrontação de fontes, não com caráter de contraditório, mas de complementação, se evidencia nos trabalhos aqui apresentados e, ao que parece, ilustra um forte movimento na História da Educação Matemática.

Em conjunto, fizeram-nos pensar sobre a representatividade do estudo de uma instituição de ensino específica quando se anuncia a constituição de tais panoramas ou versões sobre a história da formação de professores de matemática de uma região ou estado, questão que deixamos, como provocação, aos autores, leitores e participantes desta sessão coordenada.

Bibliografia

ARRUDA, M. A. **Formar almas, plasmar corações, dirigir vontades: o projeto educacional das Filhas da Caridade da Sociedade São Vicente de Paulo (1898-1905)**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GARNICA, A. V. M. Presentificando Ausências: A Formação e a Atuação dos Professores de Matemática. In: CUNHA, A.M. de O. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 555 -569.

GOMES, M. L. M. Escrita Autobiográfica e História da Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 26, n. 42A, p. 105-137, abr 2012.